



A SALVAÇÃO E O HOMEM MODERNO (Salvation and the modern man)

Renato Arnellas Coelho

Maria Regina Graciani Ribeiro

Mestrandos do Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da PUC/SP

E-mails: renatoac83@gmail.com / reginagraciani@uol.com.br

RESUMO

Por um lado, o homem contemporâneo vive uma vida em que tudo muda cada vez mais rápido, como nos diz Zygmunt Bauman, deixando pouco ou nenhum espaço para se pensar na importância da salvação em sua vida. Por outro lado, todo homem tem uma inquietação que o leva a buscar, ao menos implicitamente, as coisas relacionadas à salvação. No entanto, a busca pela salvação, além de importante para cada pessoa humana, o é também para a sociedade. Analisando a noção de salvação nas Escrituras, bem como no Magistério da Igreja, ver-se-á que a salvação não é algo meramente fechado no indivíduo, e sim algo que passa pela ajuda ao próximo, principalmente pelos mais necessitados. O estudo e o aprofundamento da Doutrina Social da Igreja estão intimamente ligados ao tema da salvação, não apenas de modo teórico e abstrato, como também para traduzi-la em gestos práticos e concretos no dia a dia, de modo a transmitir ao homem de hoje os ensinamentos da Igreja e ajudá-lo a eliminar as mazelas de sua vida através de uma ação de todos em busca do bem comum e do combate às injustiças sociais, políticas e ambientais.

Palavras-chave: Salvação; Doutrina Social da Igreja.

ABSTRACT

In modern man's life, everything changes at an ever increasing speed, as Zygmunt Bauman describes, leaving neither little nor space to think about the importance of salvation in his life. On the other hand, every man has a restlessness that makes him search, at least implicitly, for the things related to his salvation. Despite it, this search for salvation, besides important for each human person, is also important for the entire society. Analyzing the notion of salvation in the Scriptures as well as in the Church's Magisterium, it is not something closed on the individual, but it goes through the help of our neighbor, mainly those who are most in need. The study and deepening of the Church's Social Doctrine is closely linked to the notion of salvation, not only to deal with it in an abstract and theoretical way, but in concrete actions in our daily life, in order to transmit today's man the Church teachings and help him about how to remove life's problems through the combined action of everyone's searching for common good and for fighting social, political and environmental injustices.

Keywords: Salvation, Church's Social Doctrine

INTRODUÇÃO

A noção de *salvação* pode soar estranha para o homem de hoje, preocupado com outras coisas em sua vida e não tanto em buscar algum tipo de salvação. Todavia, se para um cético as palavras *Deus*, *pecado* e *salvação* podem não ter um uso no seu modo de pensar, isso não significa que seja incapaz de compreender esses mesmos termos. E,



talvez, sua incompreensão a respeito da noção de salvação seja a própria causa de seu desinteresse pelo tema. Ou, então, a presença de uma informação errônea acerca de um tema relacionado à religião faz com que se desconsiderem, automaticamente, todos os outros temas, incluindo o da salvação, como podemos exemplificar através do texto do antropólogo Pascal Boyer, que desvirtua a noção de Trindade (três pessoas em uma só substância) em sua visão do Cristianismo, dizendo que “céticos ficam desconcertados pelas noções cristãs em que três pessoas são uma pessoa”¹. A noção de Trindade de Boyer claramente não representa a verdadeira noção cristã de Trindade e, por isso, diante de incompreensões semelhantes, muitos acabam desconsiderando a importância da salvação.

No estudo sobre as religiões de Chryssides e Geaves, vemos que as

religiões normalmente identificam uma condição séria da qual a humanidade deve fugir (pecado, ilusão, ignorância), e um fim último transcendente que pode ser obtido seguindo o caminho espiritual adequado (vida eterna ou salvação, *moksha* [liberação na filosofia Hindu], liberação, nirvana).²

Isso explica o porquê do tema da salvação também vir frequentemente acompanhado do tema da religião.

O homem, de qualquer época, tem, em algum momento da vida, alguma relação com a noção de religião, seja ela favorável ou não. Se por um lado, como investiga Pascal Boyer, ter um cérebro normal humano não implica que alguém tenha uma religião, mas apenas que pode adquirir uma³, por outro lado, essa capacidade de aderir a uma religião faz com que todo homem, e não apenas o religioso, se depare com a noção de religião e salvação, mesmo que, às vezes, somente de modo implícito, isto é, sem pensar de modo claro e distinto nas palavras *salvação* ou *religião*.⁴ Assim, temos que “a religiosidade, portanto, é inerente ao ser humano enquanto crer que a vida tem um sentido, e quem o busca, já é de algum modo ‘religioso’, mesmo sem religião”⁵. Conforme expõe o estudioso de Oxford, o inglês Keith Ward,

tal preocupação [com a salvação] é inteligível quando é vista como surgindo a partir de uma percepção interior básica de insatisfação e imperfeição da vida terrena. Uma vez aceito que os homens são ao menos parcialmente seres espirituais, se torna logo claro que sua natureza espiritual é frequentemente restringida e frustrada pelas suas formas de incorporação material. Se alguém aceitar também, como ocorre na maioria das visões religiosas, que o universo é de algum modo moralmente ordenado, é natural olhar para a possibilidade

¹ BOYER, Pascal. *Religion explained: the evolutionary origins of religious thought*. New York: Basic Books, 2001, p. 300. Tradução nossa.

² CHRYSSIDES, G. D.; GEAVES, Ron. *The Study of Religion: an introduction to key ideas and methods*. New York: Bloomsbury, 2014, p. 36. Tradução nossa.

³ Cf. BOYER, Pascal. *Religion explained: the evolutionary origins of religious thought*. New York: Basic Books, 2001, p. 4.

⁴ Cf. *Ibidem*, p. 9.

⁵ BOAS, Alex V. A natureza poética da espiritualidade não religiosa: um olhar a partir de Jean Paul Sartre. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, n. 35, p. 784, julho-setembro 2014.



de uma realização plena da natureza espiritual além dos limites do mundo material presente.⁶

A partir dessas premissas, ver-se-ão no presente artigo as características do homem moderno e pós-moderno, sobretudo segundo a análise de Zygmunt Bauman, para buscar entender de que modo o tema da salvação se relaciona com a sua vida. Em seguida, o termo *salvação* será analisado no contexto das Sagradas Escrituras, bem como em autores do Magistério Eclesial, que elucidam e trazem o tema para a atualidade. Por fim, veremos a ligação entre o tema da salvação, sua abordagem atual e a importância de uma atuação pública e coletiva que concretize os ensinamentos das Escrituras para a melhoria das relações intra e interpessoais do homem hodierno.

1. O HOMEM MODERNO E PÓS-MODERNO

Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, nascido em 1925, analisou as características do homem moderno e pós-moderno, sendo conhecido internacionalmente como um “observador especialmente perspicaz quanto às tendências e forças fundamentais da atualidade pelo fato de tê-las vivenciado de maneira radical”.⁷ Na virada do milênio, Bauman começa a cunhar o termo *líquido* para melhor distinguir a modernidade da pós-modernidade, como ele define nos seguintes termos:

Se a modernidade se ocupou em ‘desencaixar’ os indivíduos dos ambientes que os hospedavam, ela o fez a fim de ‘re-encaixá-los’ de modo mais seguro que antes, para criar ‘estruturas’ construídas de acordo com um plano [...] A pós-modernidade (a modernidade em fase ‘líquida’) é a era do desencaixe sem o reencaixe [...] A era pós-moderna (ou, como prefiro dizer agora, ‘líquido-moderna’) se divide em episódios que não se apresentam numa ordem com o mínimo de consistência.⁸

A modernidade é vista como sendo *sólida*, em contraposição à pós-modernidade, vista como *líquida*. Bauman relata que

na ‘modernidade sólida’, tendente a produzir leitos sólidos, inquebráveis, para que os ‘desencaixados’ se ‘reencaixassem’, a rota imperial para o sucesso era conformar-se, ajustar-se a um leito pré-fabricado. Na ‘modernidade líquida’ o segredo do sucesso é não ser tediosamente conservador, evitar habituar-se a um leito específico, ser móvel e estar sempre à mão.⁹

Desse termo *líquido*, Bauman escreve e desenvolve a ideia em muitas outras obras como *Vida Líquida* (2005), *Medo Líquido* (2006) e *Tempos Líquidos* (2006). Na obra *Vida Líquida*, ao tratar do homem nesse ambiente pós-moderno, Bauman considera a

⁶ WARD, Keith. *Religion and human nature*. Oxford: Oxford University Press, 1998, p. 6. Tradução nossa.

⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Bauman sobre Bauman: Diálogos com Keith Tester*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 10.

⁸ *Ibidem*, p. 102-103.

⁹ *Ibidem*, p. 104.



instabilidade como característica daquilo que ele classifica como sendo a *vida líquida* do homem atual, conforme suas palavras:

‘Líquido-moderna’ é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. A liquidez da vida e a da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente. A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo. [...] Em suma: a vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante.¹⁰

Está implícito nessa análise que se trata do homem ocidental pós-moderno, se bem que podemos considerar também o fenômeno da ocidentalização avançada das culturas orientais (embora não se deva equalizar modernização com ocidentalização, como ocorre frequentemente na prática), o que expande ainda mais a pertinência dessa análise.

Trata-se agora de um estágio posterior àquele em que o homem em estado *sólido*, usando os termos de Bauman, ainda buscava fórmulas de salvação próprias, como ilustra o papa Bento XVI em sua encíclica *Spe Salvi*:

tornou-se evidente também o erro fundamental de Marx. Ele indicou com exatidão o modo como realizar o derrubamento. Mas, não nos disse como as coisas deveriam proceder depois. Ele supunha simplesmente que, com a expropriação da classe dominante, a queda do poder político e a socialização dos meios de produção, ter-se-ia realizado a Nova Jerusalém. [...] depois de cumprida a revolução, Lenin deu-se conta de que, nos escritos do mestre, não se achava qualquer indicação sobre o modo como proceder [...]. Marx não falhou só ao deixar de idealizar os ordenamentos necessários para o mundo novo; com efeito, já não deveria haver mais necessidade deles. O fato de não dizer nada sobre isso é lógica consequência da sua perspectiva. O seu erro situa-se numa profundidade maior. Ele esqueceu que o homem permanece sempre homem. (SS 21)

E o Papa termina o parágrafo dizendo que a cura (ou salvação) do homem não advém de meras condições econômicas:

[Marx] Pensava que, uma vez colocada em ordem a economia, tudo se arranjará. O seu verdadeiro erro é o materialismo: de fato, o homem não é só o produto de condições econômicas nem se pode curá-lo apenas do exterior criando condições econômicas favoráveis. (SS 21)

O homem pós-moderno, continua a análise de Bauman, vivendo apenas para o instante, “não deixa espaço para inquietações sobre qualquer outra coisa senão o que pode ser, ao menos em princípio, consumido e saboreado instantaneamente, aqui e agora. A eternidade é o óbvio rejeitado”¹¹. E prossegue dizendo: “A vida líquida é uma vida de consumo [...]. O lixo é o principal e, comprovadamente, mais abundante produto da sociedade líquido-moderna de consumo”¹²; desse modo, “para os que vivem na líquida

¹⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, p. 7-8.

¹¹ *Ibidem*, p. 14.

¹² *Ibidem*, p. 16-17.



sociedade moderna, a perspectiva de ‘viver-para-o-depósito-de-lixo’ pode ser a preocupação mais imediata”¹³, e assim “a vida na sociedade líquido-moderna é uma versão perniciososa da dança das cadeiras, jogada para valer. O verdadeiro prêmio nessa competição é a garantia (temporária) de ser excluído das fileiras dos destruídos e evitar ser jogado no lixo”¹⁴. Consequentemente, a sociedade líquida “milita contra o sacrifício das satisfações imediatas em função de objetivos distantes e, portanto, contra a aceitação de um sofrimento prolongado tendo em vista a salvação na vida após a morte”¹⁵.

Se, por um lado, o *homem líquido* se vê numa situação angustiante, por outro lado ele ignora a solução para sua angústia, pois não consegue ver além do instante presente. Em sociedade, o *homem líquido* vive em um círculo vicioso de medo e insegurança que é alimentado através de práticas que “reafirmam e contribuem a produzir a sensação de desordem”¹⁶ como, por exemplo, a compra desenfreada de carros blindados e câmeras de vigilância. Essa *sociedade líquida* exclui “a possibilidade de uma segurança existencial coletivamente garantida e, em consequência, não oferece incentivos para as ações solidárias; no seu lugar, motivam seus destinatários a centrarem-se na própria proteção pessoal ao estilo do ‘cada um por si’”.¹⁷ Bauman aponta ainda que

o empenho em concentrar a atenção na criminalidade e nos perigos que ameaçam a segurança física dos indivíduos e de suas propriedades está intimamente relacionado com a ‘sensação de precariedade’, e segue muito de perto o ritmo da liberalização econômica e da consequente substituição da solidariedade social pela responsabilidade individual.¹⁸

O problema do relacionamento do homem com a sociedade está

em um mundo onde ninguém ou quase ninguém acredita que mudar a vida dos outros seja importante para a própria vida [...] Os vínculos humanos se afrouxaram, razão pela qual se tornaram pouco confiáveis, o que torna difícil o praticar a solidariedade, do mesmo modo que é difícil compreender suas vantagens e, mais ainda, suas virtudes morais.¹⁹

Unida a esse problema está a sensação de incapacidade do homem atual em alcançar a solução almejada, conforme demonstra Bauman: “A insegurança e a incerteza nascem, por sua vez, da sensação de impotência: parece que temos deixado de ter o controle como indivíduos, grupos e coletividade”.²⁰

¹³ *Ibidem*, p. 18.

¹⁴ *Ibidem*, p. 10.

¹⁵ *Ibidem*, p. 63.

¹⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Tiempos líquidos: vivir en una época de incertidumbre*. México D.F.: Tusquets, 2007, p. 22. Tradução nossa.

¹⁷ *Ibidem*, p. 26. Tradução nossa.

¹⁸ *Ibidem*, p. 29. Tradução nossa.

¹⁹ *Ibidem*, p. 39. Tradução nossa.

²⁰ *Ibidem*, p. 42. Tradução nossa.



Apesar da não preocupação com a salvação, os homens e mulheres do presente sofrem as dificuldades da vida do *Mal-Estar da Pós-Modernidade*²¹, com suas incertezas existenciais, pois tudo ao redor parece mudar incessantemente, não lhes permitindo ter um *projeto de vida*, mas vivendo-se apenas o instante, com o medo acima descrito de ser enviado ao *depósito de lixo*, buscando proteção no fechamento em si mesmo. Pode-se inferir que o fechamento do indivíduo em si mesmo, longe de protegê-lo, apenas faz com que aumente sua insegurança e medo. Ver-se-á adiante que a solução para esse e outros problemas do homem presente se dá na abertura para Deus e para o próximo, único modo de, ainda em vida, poder obter a salvação que muitas vezes se ignora precisar.

2. A NOÇÃO DE SALVAÇÃO NAS ESCRITURAS E NO MAGISTÉRIO ECLESIAL

Depois de ter comentado sobre a visão do homem atual a respeito da questão da salvação e qual espaço ela ocupa na vida de cada um em relação à sua necessidade e importância, ver-se-á de modo sumário como a questão da salvação é tratada nas Escrituras, pois que elas, contendo a revelação divina, têm por tema central a própria salvação do homem, conforme recorda a Constituição Dogmática *Dei Verbum*: “Pela revelação divina quis Deus manifestar e comunicar-se a Si mesmo e os decretos eternos da Sua vontade a respeito da salvação dos homens” (DV 6).

No dicionário teológico do Novo Testamento de Kittel e Friedrich²² há quatro termos relacionados ao tema salvação nas Escrituras, bem como seus usos no Antigo e Novo Testamento, a saber: σώζω (salvar), σωτηρία (salvação), σωτήρ (Salvador), σωτήριος (salvífico, que salva).

No mundo grego antigo, o termo *salvar* implica tirar algo ou alguém de um grave perigo. Também pode significar o curar de uma doença ou proteger algo de sua destruição. No uso religioso, o termo *salvar* pode apresentar tanto a noção de resgate dos perigos da vida, quanto a de preservar as coisas de perecer.

No Antigo Testamento, segundo a versão da Septuaginta, o termo grego σώζω aparece no lugar do termo hebraico ישׁ (salvar, ajudar, libertar) e o termo σωτηρία é usado para os derivados do mesmo termo hebraico.²³ O verbo ישׁ, no Antigo Testamento, significa em primeiro lugar *ter espaço*, pois ser levado a um lugar mais espaçoso remete à ideia de libertação. Os substantivos advindos desse termo hebraico compreendem tanto a libertação quanto o estado de salvação que se segue.²⁴ No livro de Juízes, há um ser superior que traz libertação a um inferior através de uma intervenção: “quando os sidônios, Amalec e Madiã vos oprimiam, e vós clamastes por mim [Deus], não vos

²¹ Livro de Bauman escrito em 1997.

²² KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard (orgs.); *Compendio del Diccionario Teológico del Nuevo Testamento*. Bogota: Libros Desafio, 2002, p. 1112-1121.

²³ Cf. *Ibidem*, p. 1112-1113.

²⁴ Cf. *Ibidem*, p. 1113.



salvei das suas mãos?” (Jz 10, 12). Em Isaías, toda salvação que não provém de Deus é limitada e por isso o povo de Israel deve esperar a salvação de Deus e não de outra coisa qualquer. Deus aparece como o verdadeiro herói e juiz que salva seu povo, enquanto que os ídolos e astrólogos não são capazes de salvar (cf. Is 45, 20; 47, 13 e Dt 33, 29). Por isso o povo de Israel deve pedir a Deus que o salve dos males da injustiça, da violência, das enfermidades, das prisões, dos ataques jurídicos e dos ataques externos. Também se frisa a ideia de que para ser salvo por Deus é preciso confiar em Deus (cf. Sl 22, 5; 37, 40). Se há alguma salvação humana, ela passa antes por Deus, fonte de toda a salvação.²⁵

No Novo Testamento, a salvação também é usada no contexto de cura de uma enfermidade (cf. At 4, 9; 14, 9), porém se estende a algo além do âmbito físico, como quando Jesus diz à pecadora que a sua fé (dela) a salvou (cf. Lc 7, 50).²⁶ Cabe notar aqui que o próprio nome de Jesus é ligado à salvação, como aparece no Evangelho de São Mateus: “Tu o chamarás com o nome de Jesus, pois ele salvará o seu povo dos seus pecados” (Mt 1, 21). O termo σωτήρ, por sua vez, remete ao Messias, como consta na Boa Notícia anunciada pelos anjos aos pastores de Belém em Lc 2, 11.²⁷ No Evangelho de São Marcos, vemos a menção de uma salvação escatológica além da simples vida terrestre: “Pois aquele que quiser salvar a sua vida, irá perdê-la; mas, o que perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, irá salvá-la” (Mc 8, 35). Nas epístolas de São Paulo há uma clara preocupação pela salvação (cf. Rm 10, 1) e se transmite a ideia de que homens, dentre os quais o próprio Paulo, podem colaborar na salvação de outras pessoas (cf. Rm 11, 14; I Cor 9, 22). Enfim, temos o termo σωτήριος o qual aparece na carta a Tito (cf. Tt 2, 11) em que a salvação não é vista de modo restritivo, e sim aberta a todos os homens. Além disso, o livro do Apocalipse retoma o tom veterotestamentário de vitória ligado ao conceito de salvação, no qual os vencedores confessam que a salvação provém de Deus (cf. Ap 7, 10).²⁸

Tendo verificado os possíveis significados abarcados pelo termo *salvação* nas Escrituras, convém agora passar à análise do conceito de *salvação* feita pela Tradição da Igreja, através dos Padres da Igreja, bem como de outros textos do Magistério Eclesial para depreender outros desdobramentos do tema, trazendo-o mais perto da realidade atual. No Catecismo da Igreja Católica, menciona-se a importância desses elementos no âmbito da salvação:

Segundo o sapientíssimo plano divino, a Sagrada Tradição, a Sagrada Escritura e o Magistério da Igreja estão de tal modo entrelaçados e unidos que um não tem consistência sem os outros, e que juntos, cada qual a seu modo, sob a ação do mesmo Espírito Santo, contribuem eficazmente para a salvação das almas.²⁹

²⁵ Cf. *Ibidem*, p. 1113.

²⁶ Cf. *Ibidem*, p. 1115.

²⁷ Cf. *Ibidem*, p. 1119.

²⁸ Cf. *Ibidem*, p. 1116.

²⁹ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000, n. 95, p. 38.



Do ponto de vista antropológico, o homem, desde longa data, percebe-se aquém da felicidade plena que deseja, depara-se com o mal no mundo e constata que precisa de uma salvação para sair dessa situação e alcançar seu fim adequadamente. Todavia, ele também percebe que não é capaz de se salvar sozinho, pois se percebe limitado. Tal situação é captada pela frase de Agostinho no seu livro *Confissões*: “porque [Deus] nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós”.³⁰ A tradição teológica ocidental também expõe essa visão acerca da salvação, como se pode ver no livro dirigido por Sesboüé: “Mas em que consiste a salvação? Comporta, sem a ela se reduzir, à libertação de uma situação global de pecado que afeta a humanidade, situação vinculada à falta de Adão”.³¹ Disso decorre uma necessidade de salvação para todo e qualquer homem vinculado à falta de Adão:

O homem pecador está numa situação de necessidade radical de salvação. O homem criado, de algum modo, já estava nessa situação, pois não podia realizar seu fim, a comunhão com Deus, por suas próprias forças. Ele tinha necessidade da iniciativa gratuita pela qual Deus lhe daria essa comunhão de vida e de amor.³²

Temos assim, sob essa ótica antropológica, o homem que precisa de salvação. Do ponto de vista teológico, como já vimos na análise do conceito salvação nas Escrituras, temos Deus como fonte de toda salvação. Desse modo, o homem que se afasta de Deus, se afasta justamente da própria salvação, mantendo-se no estado de inquietude sem os meios de sanar seu problema. Para sair desse estado, o homem precisa do arrependimento de suas faltas que é, segundo Deus, o que leva à salvação estável (cf. 2 Cor 7, 10). Para os adultos não batizados, esse arrependimento se dá pela recepção do batismo, ou ao menos pelo desejo implícito de recebê-lo, enquanto que para os já batizados e que se encontram afastados de Deus, o mesmo se dá por meio do sacramento da Penitência. Para os desprovidos do uso da razão, como no caso das crianças pequenas, incapazes de arrependimento, a salvação se dá também por meio do batismo.³³

Não se deve entender a busca da salvação, todavia, como uma preocupação meramente individualista, pois já na encíclica *Spe Salvi* de Bento XVI, ressalta-se o caráter comunitário da salvação: “A esse respeito, Henry de Lubac, baseando-se na teologia dos Padres em toda a sua amplitude, pôde demonstrar que a salvação foi sempre considerada como uma realidade comunitária” (SS 14). A realidade comunitária não exclui a preocupação com a salvação pessoal, pois ambas estão ligadas, o que motiva a pergunta colocada por Bento XVI: “o que posso fazer a fim de que os outros sejam salvos e nasça também para eles a estrela da esperança? Então terei feito também o máximo pela minha salvação pessoal” (SS 48). O livro dos Atos dos Apóstolos descreve essa preocupação de salvação individual do carcereiro que pergunta a Paulo e Silas:

³⁰ AGOSTINHO. *Confissões*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999, parte 1, livro 1, capítulo 1, p. 37.

³¹ SESBOÜÉ, B. (org.). *História dos dogmas*: tomo 2. O homem e sua salvação. São Paulo: Loyola, 2003, p. 168.

³² *Ibidem*, p. 33.

³³ Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000, n. 1250.



“Senhores, que preciso fazer para ser salvo?” (At 16, 30), ao passo que eles respondem: “Crê no Senhor e serás salvo, tu e a tua casa” (At 16, 31), mostrando que a salvação não deve ficar restrita apenas ao carcereiro, mas que ela atinge ainda outras pessoas. Além disso, pode-se supor nessa passagem um movimento no carcereiro de “uma noção puramente física de salvação ou cura para o conceito de salvação tornado possível através da morte e ressurreição de Jesus Cristo”³⁴.

Sob esse mesmo aspecto de salvação comunitária, o papa João Paulo II, na encíclica *Redemptoris Missio*, trata da importância da missão que visa à salvação não só do indivíduo, mas de todo o gênero humano. Antes de abordar a questão da missão, a encíclica retoma alguns princípios importantes que dizem respeito ao modo como se dá a salvação dos homens:

Remontando às origens da Igreja, aparece clara a afirmação de que Cristo é o único salvador de todos, o único capaz de revelar e de conduzir a Deus (...). E não há salvação em nenhum outro, pois não há debaixo do céu qualquer outro nome dado aos homens que nos possa salvar (...) para todos — judeus e gentios —, a salvação só pode vir de Jesus Cristo (RM 5).

A salvação é para o homem em todas as suas dimensões, uma vez que

a libertação e a salvação, oferecidas pelo Reino de Deus, atingem a pessoa humana tanto nas suas dimensões físicas como espirituais. Dois gestos caracterizam a missão de Jesus: curar e perdoar. (...) Na perspectiva de Jesus, as curas são também sinal da salvação espiritual, isto é, da libertação do pecado. Realizando gestos de cura, Jesus convida à fé, à conversão, ao desejo do perdão (cf. Lc 5, 24) Recebida a fé, a cura impele a ir mais longe: introduz na salvação (cf. Lc 18, 42-43) (RM 14).

O texto também trata do papel da Igreja na salvação dos homens, ao dizer que “a Igreja é o caminho normal de salvação e que só ela possui a plenitude dos meios de salvação” (RM 55), mostrando sua importância, como Agostinho já manifestara em seu sermão ao povo de Cesareia:

Fora da Igreja Católica pode-se encontrar tudo, menos a salvação. Pode-se ter honra, podem-se ter Sacramentos, pode-se cantar o 'Aleluia', pode-se responder 'Amém', pode-se defender o Evangelho, pode-se ter fé e pregar em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. Mas nunca, exceto na Igreja Católica, pode-se encontrar a salvação.³⁵

A encíclica papal, além disso, enfatiza que todos são chamados a cooperar na obra da salvação própria e do próximo, não limitando a tarefa apenas aos religiosos, pois

recai sobre eles [os leigos] o mandato do Senhor, tendo o direito de se empenharem individualmente ou reunidos em associação para que o anúncio da salvação seja conhecido e acolhido por todo o homem em qualquer lugar;

³⁴ PETERSON, David G. *The Pillar New Testament Commentary: The Acts of the Apostles*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing, 2009, p. 469. Tradução nossa.

³⁵ AGOSTINHO. *Sermo ad Caesarensis Ecclesiae Plebem*. Coleção Patrologiae Cursus Completus: Série Latina. Volume 43. Paris: J.-P. Migne, 1865, col. 695. Tradução nossa.



tal obrigação vincula-os ainda mais naquelas situações onde os homens só poderão ouvir o Evangelho e conhecer Cristo através deles (RM 71).

Deve-se, contudo, evitar entender a salvação como algo meramente natural e horizontal, porque

Hoje se fala muito do Reino, mas nem sempre em consonância com o sentir da Igreja. De fato, existem concepções de salvação e missão que podem ser designadas “antropocêntricas”, no sentido reduutivo da palavra, por se concentrarem nas necessidades terrenas do homem. Nesta perspectiva, o Reino passa a ser uma realidade totalmente humanizada e secularizada, onde o que conta são os programas e as lutas para a libertação socioeconômica, política e cultural, mas sempre num horizonte fechado ao transcendente. Sem negar que, a este nível, também existem valores a promover, todavia estas concepções permanecem nos limites de um reino do homem, truncado nas suas mais autênticas e profundas dimensões, espelhando-se facilmente numa das ideologias de progresso puramente terreno. O Reino de Deus, pelo contrário, “não é deste mundo (...) não é daqui debaixo” (Jo 18, 36) (RM 17).

A busca pela santidade, por sua vez, possui papel fundamental para realizar efetivamente e concretamente a missão de salvação (cf. RM 90).

Seguindo os ensinamentos de Padres da Igreja e de Papas, cabe ainda mencionar a importância de Maria na salvação dos homens, que está implícita nas Escrituras, porém aparece de modo explícito em diversos autores autorizados da Igreja. Nos primeiros séculos, Irineu de Lião, no seu livro *Contra as Heresias*, escreve sobre a importância de Maria para a salvação do homem:

do mesmo modo que Eva, ao desobedecer, se tornou causa de morte para ela mesma e para todo o gênero humano, assim também Maria, tendo por esposo aquele que lhe fora destinado previamente, e, todavia Virgem, se tornou, ao obedecer, causa de salvação para ela mesma e para todo o gênero humano.³⁶

Jerônimo (347-420), por sua vez, escreve:

pois que um homem foi mortalmente ferido através de uma mulher, agora o mundo todo é salvo através de uma mulher. Você recorda Eva, mas considere Maria; a primeira nos expulsou do Paraíso, a segunda nos leva de volta ao Céu.³⁷

Mais recentemente, o papa Bento XV (1914-1922) descreve a ação de Maria em prol da salvação da humanidade: “assim [Maria] abdicou de seus direitos maternos sobre o Filho para a salvação dos homens e aplacar a justiça de Deus”³⁸. No pontificado de João Paulo II (1978-2005), Maria aparece como cooperadora do Filho na obra da salvação: “Maria une de modo intenso e misterioso sua vida à missão dolorosa de Cristo: ela se

³⁶ IRINEU DE LIÃO. *Contre les hérésies: livre III*. Traduzido por Adelin Rousseau e Louis Doutreleau. Coleção Sources Chrétiennes N. 211. Paris: Editions du Cerf, 2002, livro III, cap. 22, parágrafo 4, p. 441. Tradução nossa.

³⁷ JERÔNIMO. *The Homilies of Saint Jerome: Volume 2 (Homilies 60-96)*. Coleção The Fathers of the Church a new translation (Volume 57). Washington: CUA Press, 1966, p. 114-115. Tradução nossa.

³⁸ BENTO XV. *Inter Sodalicia*. In: AAS 10, 1918, p. 181s. Tradução nossa.



tornará a fiel cooperadora de seu Filho para a salvação da raça humana”³⁹. No Catecismo da Igreja Católica também se ressalta a importância de Maria na economia da salvação: “Esta união de Maria com seu Filho na obra da salvação manifesta-se desde a hora da concepção virginal de Cristo até sua morte”⁴⁰ e “Assunta aos céus, [Maria] não abandonou este múnus salvífico, mas, por sua múltipla intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna”⁴¹.

Unindo essa visão geral do tema da *salvação* nas Escrituras, na Tradição e no Magistério, vemos que ela está intimamente ligada a Jesus (Deus), Maria e à Igreja. Assim, para os que procuram obter realmente a salvação desejada, é inevitável a influência desses três elementos citados, mesmo que de modo apenas implícito, devido às circunstâncias que impedem um conhecimento explícito desses meios necessários.

3. SALVAÇÃO E A DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA (D.S.I.)

Os tópicos anteriores trataram das bases da noção cristã de salvação, que em sentido teológico significa a plenitude do ser humano, o sentido último da vida, sua realização total. Tal compreensão vai se tornar complexa e plural, primeiramente porque para a fé cristã, a salvação do ser humano é Deus.

Todo ser humano se encontra sempre em um contexto sociocultural e histórico com múltiplos desafios. Assim, outro fator que vai tornar a noção de salvação diversificada é o próprio indivíduo humano, múltiplo e complexo em sua constituição: corpórea, espiritual, pessoal, social, psicológica, cultural, política, ambiental. Qualquer um desses aspectos pode clamar por salvação, a qual é uma salvação de toda a pessoa e, portanto, deve iluminar, orientar, sanear, corrigir, estimular, plenificar qualquer um desses âmbitos, sem se limitar a algum deles, como por exemplo, o espiritual ou religioso.

Dom gratuito de Deus para uma humanidade fraterna, a salvação pretende também fazer emergir na história uma nova humanidade, avessa às sociedades históricas marcadas pelas injustiças, discriminações, ganâncias e pelo sofrimento. Visando ao mesmo objetivo, situa-se o anúncio do Reino de Deus feito por Jesus. Ele é a realidade viva desse reino, em suas palavras e ações, na fidelidade ao Pai e no cuidado com todos, especialmente com os mais sofridos e marginalizados.

Assim, o seguidor do Mestre deverá assumir a vida de Jesus Cristo, morrendo como ele para o egoísmo e, como ele, ressuscitar para Deus. É essa a realidade que, embora imperfeitamente vivida, se entende por *ser cristão*.

³⁹ JOÃO PAULO II. Audiência Geral de 18 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/en/audiences/1996/documents/hf_jp-ii_aud_19961218.html>. Acesso em: 11 março 2015. Tradução nossa.

⁴⁰ Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000, n. 964, p. 272.

⁴¹ *Ibidem*, n. 969, p. 273-274.



A práxis cristã, marcada pela gratuidade, pela misericórdia, pelo perdão, pela justiça e pelo amor, recupera e fortalece o que há de melhor no ser humano, gera uma comunidade humana menos deformada pelo egoísmo e demonstra que o reino de Deus, embora só vá se realizar plenamente na vida eterna com Deus, já acontece em nossa história. Pois acolher o reino é acolher a Deus e o irmão, sem que se possa separar esse duplo acolhimento.⁴²

O programa de vida do cristão deve ser o programa do bom samaritano (cf. Lc 10, 25-37), o programa de Jesus: “qualquer um que necessite de mim e eu possa ajudá-lo é meu próximo”, onde o conceito de próximo é universalizado sem deixar de ser concreto (DCE 15).

Faz parte do ser humano ser social, interagir com outros e, para isso, é preciso sair de si mesmo. A fé cristã ressalta que esse interagir consiste no amor autêntico e desinteressado ao outro, especialmente ao mais necessitado. É preciso que o cristão participe da construção da sociedade justa que corrija as gritantes injustiças encontradas hoje. A caridade fraterna deve levá-lo a assumir sua responsabilidade na Igreja e na sociedade, cujas deficiências só poderão ser sanadas com a participação de todos. Há o dever imediato de trabalhar por uma ordem justa nesta sociedade (DCE 29). A caridade fraterna tem uma dimensão política que lhe é intrínseca.⁴³

A justa ordem da sociedade e do Estado é dever central da política, onde a justiça é seu objetivo e sua medida intrínseca, como afirma Bento XVI na encíclica *Deus Caritas Est*. Nesse sentido, política e fé se tocam (DCE 28). Essa interação é trabalhada na Doutrina Social da Igreja que tem o propósito de contribuir “para fazer com que aquilo que é justo possa, aqui e agora, ser reconhecido e, depois, também realizado” (DCE 28).

Vale reforçar que a salvação cristã abrange o ser humano todo – corpo e espírito – assim como o entorno material e a natureza com os quais ele se encontra em contínua interação. Toda a realidade tem um destino último em Deus. E pode ser mediação salvífica para a humanidade nas variadas situações: ambiente familiar, vida profissional, mundo cultural e artístico, pesquisa científica, trato com o corpo, relações afetivas, cuidado com os outros, atividade social e política, lazer e diversão. É por meio de opções pessoais que se constrói a própria história de salvação e se colabora para a salvação dos semelhantes e do meio ambiente. O Papa Francisco ressalta que “a Igreja, com a sua ação, procura não só lembrar o dever [dos homens] de cuidar da natureza, mas também e ‘sobretudo proteger o homem da destruição de si mesmo’” (LS 79), pois se a salvação constitui a obtenção da plenitude da vida humana, a destruição desordenada da natureza vai no sentido oposto, destruindo o próprio homem.⁴⁴

A ação de Deus está sempre presente na história, para salvar homens e mulheres de todas as gerações, de todos os povos, de todas as épocas. Acontece que os tempos

⁴² MIRANDA, M. de F. Compreender a salvação cristã no século XXI. *Vida Pastoral*. São Paulo, n. 284, p. 18-23, 2012.

⁴³ *Ibidem*.

⁴⁴ MIRANDA, M. de F. Compreender a salvação cristã no século XXI. *Vida Pastoral*. São Paulo, n. 284, p. 18-23, 2012.



mudam, os contextos se modificam, as linguagens se transformam e isso exige novas expressões para lidar com o tema da salvação.

O conjunto de práticas de salvação feitas pelas sucessivas gerações de cristãos garante unidade e identidade à ação de Deus e oferece um quadro interpretativo para as práticas futuras.

Para ser reconhecido, o anúncio feito pela Igreja, em que a salvação é o principal bem oferecido, precisa ser significativo e pertinente para o homem e a mulher contemporâneos. É preciso que as expressões e práticas eclesiais sejam capazes de responder às demandas e às insuficiências humanas dos complexos dias atuais, marcados por uma sociedade pluralista na diversidade de interpretações da realidade e de práticas de conduta rapidamente alteradas.

A Doutrina Social da Igreja colabora na promoção da sociedade, inspirando-se no Reino de Deus, dando indicações de caminhos a se seguir e a se evitar, cumprindo tanto sua função de anúncio como também de denúncia.⁴⁵ Anúncio dos valores e critérios de juízo a serem seguidos, oferecendo diversas normas e diretrizes de ação concretas, como quando aconselha o Estado a intervir publicamente contra realidades de grave desequilíbrio e injustiça social, criando condições de maior igualdade, justiça e paz.⁴⁶ Denúncia do pecado de injustiça, pois busca a defesa dos direitos violados, como quando impele os cristãos a defender e a promover os direitos fundamentais do homem que são violados, por exemplo, quando ocorrem genocídios e deportações em massa.⁴⁷

Nesse sentido, a Doutrina Social da Igreja pode ser um guia a inspirar individual e coletivamente as atitudes e ações dos católicos nas mais variadas atividades, lançando-os na direção da caridade, da justiça e da paz, metas da convivência social.

CONCLUSÃO

O homem atual, quando separado da comunhão com Deus, encontra-se diante de duas realidades inegáveis: a de que se encontra diante de uma situação problemática e fonte de muitos males, e a constatação da sua impotência em conseguir, por conta própria, sair dessa situação. O problema longínquo, que se apresentou diante do primeiro homem após sua separação de Deus, reaparece de igual modo ao homem presente que se separa de Deus. A situação é bem descrita na obra dirigida por Sesboüé:

Ele [o homem] perdeu a salvação que era espontaneamente oferecida pelo dom de Deus; está agora separado de Deus, numa situação da qual não pode sair por si mesmo, e por isso se vê desequilibrado, desorientado em seu

⁴⁵ Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_2006_0526_compendio-dott-soc_po.html>. Acesso em: 11 março 2015. N. 81.

⁴⁶ Cf. *Ibidem*, n. 188.

⁴⁷ Cf. *Ibidem*, n. 158-159.



próprio ser. O desejo que o leva ao absoluto tornou-se desordenado e se engana de objeto. Tem necessidade de ser libertado primeiro dessa situação pecadora para poder reencontrar sua comunhão com Deus.⁴⁸

Como podemos notar nos escritos de Bauman, é fácil constatar que o homem desligado de Deus “se engana de objeto”, perdendo-se no instante que logo desaparece, colocando outros fins em sua vida que não a comunhão com Deus, único capaz de saciar seu desejo de felicidade plena.

Essa preocupação com o bem do próximo, sobretudo dos mais necessitados, é ligada à relação com Deus, como lemos no Compêndio da Doutrina Social da Igreja:

No coração da pessoa humana se entrelaçam indissolavelmente a relação com Deus, reconhecido como Criador e Pai, fonte e termo da vida e da salvação, e a abertura ao amor concreto pelo homem, que deve ser tratado como um outro ‘eu’, ainda que seja um inimigo (cf. Mt 5, 43-44). Na dimensão interior e espiritual do homem se radicam, ao fim e ao cabo, o empenho pela justiça e pela solidariedade, pela edificação de uma vida social, econômica e política conforme com o desígnio de Deus.⁴⁹

A própria busca pela santidade, importante para realizar a salvação de todos, passa também pelo aspecto social: “A transformação interior da pessoa humana, na sua progressiva conformação a Cristo, é pressuposto essencial de uma real renovação das suas relações com as outras pessoas”⁵⁰.

Como recorda o axioma *bonum est diffusivum sui* [o bem é por si difusivo]⁵¹, sendo a salvação o sumo bem, pois consiste na comunhão com o próprio Deus, deve ser ela difundida aos outros, sob o impulso missionário que caracteriza todo cristão. Donde a indagação de Agostinho:

Mas quem é que Vos [Deus] invoca se antes Vos não conhece? Esse [o homem], na sua ignorância, corre perigo de invocar a outrem. — Ou, porventura, não sois antes invocado para depois serdes conhecido? ‘Mas como invocarão Aquele em quem não acreditaram? Ou como hão de acreditar, sem que alguém lhes pregue?’ (Rom 10, 14).⁵²

⁴⁸ SESBOÛÉ, B. (org.). *História dos dogmas*: tomo 2. O homem e sua salvação. São Paulo: Loyola, 2003, p. 132.

⁴⁹ PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. N. 40. Disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html. Acesso em 6 outubro 2014.

⁵⁰ *Ibidem*, n. 42.

⁵¹ cf. TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica* I-II, q. 81, a. 2, sed contra. Disponível em <http://www.corpusthomicum.org/sth2075.html>. Acesso em 6 de outubro 2014.

⁵² AGOSTINHO. *Confissões*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999, parte 1, livro 1, capítulo 1, p. 37-38.



Ao que ele prossegue com a afirmação “Na verdade, os que O buscam, encontrá-Lo-ão, e aqueles que O encontram hão de louvá-Lo”.⁵³

A sequência lógica a ser seguida consiste, assim, em anunciar primeiro a necessidade da salvação, em seguida o fato de ela se encontrar apenas em Deus, que por sua vez a dispôs por meio de seu Filho, junto a Maria e à sua Igreja.

Há muitos meios de expor esse caminho, dependendo do interlocutor, como diz o apóstolo Paulo, “para os judeus, fiz-me como judeu, a fim de ganhar os judeus. [...] para aqueles que vivem sem a Lei, fiz-me como se vivesse sem a Lei [...] tornei-me tudo para todos, a fim de salvar alguns a todo custo” (Cf I Cor 9, 20-22).

Aquele que conhece o caminho da salvação, ajude o que a desconhece, podendo dizer como o profeta Isaías: “Eis-me aqui, envia-me a mim” (Is 6, 8), pois “Eis o que é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador, que quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1 Tm 2, 3-4).

BIBLIOGRAFIA

- AGOSTINHO. *Confissões*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- AGOSTINHO. *Sermo ad Caesarensis Ecclesiae Plebem*. Coleção Patrologiae Cursus Completus: Série Latina. Volume 43. Paris: J.-P. Migne, 1865.
- BAUMAN, Zygmunt. *Bauman sobre Bauman: Diálogos com Keith Tester*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. *Tiempos líquidos: vivir en una época de incertidumbre*. México D.F.: Tusquets, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BENTO XV. *Inter Sodalicia*. In: AAS 10, 1918, p. 181s.
- BENTO XVI. *Deus Caritas Est*. São Paulo: Paulus, Loyola, 2006.
- BENTO XVI. *Spe Salvi*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- BÍBLIA: *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOAS, Alex V. “A natureza poética da espiritualidade não religiosa: um olhar a partir de Jean Paul Sartre”. In: *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, n. 35, p. 777-804, julho-setembro 2014.
- BOYER, Pascal. *Religion explained: the evolutionary origins of religious thought*. New York: Basic Books, 2001.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.
- CHRYSSIDES, G. D.; GEAVES, Ron. *The Study of Religion: an introduction to key ideas and methods*. New York: Bloomsbury, 2014.

⁵³ *ibidem*



CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum*. Petrópolis: Vozes, 2000.

FRANCISCO. *Laudato si*. São Paulo: Paulinas, 2015.

IRINEU DE LIÃO. *Contre les hérésies: livre III*. Traduzido por Adelin Rousseau e Louis Doutreleau. Coleção Sources Chrétiennes N. 211. Paris: Editions du Cerf, 2002.

JERÔNIMO. *The Homilies of Saint Jerome: Volume 2 (Homilies 60-96)*. Coleção The Fathers of the Church a new translation (Volume 57). Washington: CUA Press, 1966.

JOÃO PAULO II. *Redemptoris Missio*. São Paulo: Paulinas, 2008.

JOÃO PAULO II. Audiência Geral de 18 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/en/audiences/1996/documents/hf_jp-ii_aud_19961218.html>. Acesso em: 11 março 2015.

KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard (orgs.); *Compendio del Diccionario Teológico del Nuevo Testamento*. Bogota: Libros Desafio, 2002.

MIRANDA, M. de F. “Compreender a salvação cristã no século XXI”. In: *Vida Pastoral*. São Paulo, n. 284, p. 18-23, 2012.

PETERSON, David G. *The Pillar New Testament Commentary: The Acts of the Apostles*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing, 2009.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html>. Acesso em: 11 março 2015.

SESBOÜÉ, B. (org.). *História dos dogmas: tomo 2. O homem e sua salvação*. São Paulo: Loyola, 2003.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica: Prima pars secundae partis*. Disponível em: <<http://www.corpusthomicum.org/sth2075.html>>. Acesso em: 11 março 2015.

WARD, Keith. *Religion and human nature*. Oxford: Oxford University Press, 1998.